

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA ESCOLA PÚBLICA.

Grupo de trabalho GT (01) – Alfabetização e Letramento Escolar

Wyarya de Sousa Melo
Rita de Cássia da Conceição
José Maria dos Santos Araújo Filho
Maria Noélia da Silva Pereira
Luciana Matias Cavalcante

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre o processo de alfabetização e letramento, analisar as práticas pedagógicas em sala de aula. O ato de ler e escrever constitui-se um elemento essencial à condição humana, uma vez que a aquisição da língua oral e escrita nos remete à possibilidade de participação social na qual nos tornamos seres no mundo. Por considerarmos a alfabetização e o letramento como uma etapa significativa na vida do educando, e compreendendo ainda que, o papel do professor que alfabetiza é fundamental neste processo podendo definir o sucesso ou o fracasso do aluno no caminhar da sua escolarização, é importante que o professor possa fazer o diagnóstico de seus alunos e observar em que nível de conhecimento se encontra cada aluno e se possuem alguma dificuldade no seu processo de aprendizagem. Então, é nesse contexto que iremos verificar os métodos atuais de alfabetização que norteiam a nossa prática.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Letramento. Práticas Pedagógicas.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar as dificuldades de aprendizagem que as crianças apresentam no processo de alfabetização, no qual se devem investigar a prática pedagógica do professor e as metodologias utilizadas em sala de aula, propondo métodos de ensino que favoreçam a aprendizagem das crianças. Sabemos que a Educação é um direito humano, fundamental no seu processo de desenvolvimento e no preparo para o exercício da cidadania.

A leitura e a escrita faz parte do cotidiano de todas as pessoas, por isso ela é de grande relevância no convívio social, principalmente em um mundo em que os meios de comunicação faz-se presente em grande parte dos lares, pois é através dos jornais, revistas, televisão, rádio e internet que nos mantemos informados das notícias do mundo. A

Alfabetização é um processo pelo qual a pessoa se torna capaz de ler, compreender o texto e se expressar por escrito. Sobre Alfabetização a autora Moll diz:

A Alfabetização é um processo de construção do conhecimento e, como tal, é desencadeada pela “interação” entre o educando e objeto de conhecimento [...] transcende a escolha e à execução de um método de ensino; é um processo multifacetado no qual se confrontam a língua escrita, o educando e a intervenção didática do espaço escolar. (2009, p.179).

As dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização é um fator existente no cotidiano escolar, isso nos leva a refletir e analisar esse processo, e também propor que haja uma mudança em nossas práticas pedagógicas com a finalidade de auxiliar a criança na aquisição e no desenvolvimento de habilidades que facilitem no processo de aprender ler e escrever. Considera-se dificuldade de aprendizagem, uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola. Muitos desses alunos têm sido ignorados, mal diagnosticados e mal tratados, sendo tachados pelos próprios professores como alunos preguiçosos e desinteressados.

O professor deve propiciar alternativas favoráveis para que alunos possam superar eventuais dificuldades que apresentam. Diante disso, muitos professores questionam-se quanto ao que fazer. É necessário que haja um olhar voltado ao próprio processo de ensino aprendizagem na alfabetização e no letramento.

Para iniciarmos nossos trabalhos seguimos a afirmação de Artur Gomes de Morais que diz: “Ensinar de forma cuidadosa e explícita o sistema de escrita alfabética (SEA) se coloca hoje, como uma medida urgente para reinventarmos as metodologias de alfabetização que usamos em nosso país.” (2012, p.181).

Difícilmente encontramos uma turma que não tenha algum aluno com dificuldades de aprendizagem, mas muitas vezes, o professor confunde uma dificuldade na aprendizagem com algum tipo de distúrbio, sendo que o problema pode está no seu próprio método de ensino. Acreditamos que o professor tem grande responsabilidade e influencia no desenvolvimento e aprendizagem do aluno. O presente artigo tem como finalidade investigar: as dificuldades de aprendizagem relacionadas à prática pedagógica do professor ao alfabetizar e/ou letrar e as metodologias de ensino utilizadas pelo professor com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem no período da alfabetização.

1. Alfabetização e letramento: vários olhares e várias perspectivas a fim de revisarmos nossa postura pedagógica

Alfabetizar é a tarefa mais importante no processo de ensino e aprendizagem e não tem sido fácil para os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental exercê-la de forma eficaz, principalmente quando temos por base o nosso país, o qual ao longo de sua história enfrentou crises severas com o fracasso da alfabetização nas escolas brasileiras, Morais afirma em seu livro: “Sistema de escrita alfabética” que: “vivemos num país cujos índices de fracasso vem se reduzindo, mas continuam inaceitáveis”. (2012, p.21). Esse é um retrato de nossas escolas, reflexo que nos faz lembrar que apenas nas primeiras décadas do século XX o direito ao ensino público se tornou legal, por isso, o índice de analfabetismos no Brasil continua lamentável.

Alfabetizar e letrar vão além da simples decodificação dos códigos alfabéticos, assim é necessário haver uma revisão das antigas formas de alfabetizar. Os métodos tradicionais de alfabetização em muitos casos não passaram de mera reprodução da escrita, desconsiderando o conhecimento prévio do aluno. Para Morais:

[...] os métodos tradicionais de alfabetização que conhecemos, apesar das diferenças que apresentam, tem uma única e comum teoria de conhecimento subjacente: a visão empirista/associacionista de aprendizagem. Segundo tal perspectiva, o aprendiz é uma tábula rasa e adquire novos conhecimentos (sobre o alfabeto) recebendo informações prontas do exterior (explicação sobre letras e sons) que, através da repetição do gesto gráfico (cópia) e da memorização (das tais relações entre letra e som), passariam a ser suas. (2012, p.27).

Esse tipo de comportamento ao alfabetizar foi e ainda é propagado; os professores que foram alfabetizados nessa perspectiva pensam que o fato de terem sido ensinados de maneira mecânica, mas mesmo assim, conseguiram avanço no período escolar, consideram que essa é a forma eficaz de aprendizagem e propagam as mesmas ideias ao invés de se apropriarem de novos conceitos e novas metodologias próprias de ensino. Observamos assim, que os alunos mudam, a sociedade começa a passar por processos de globalização, porém, a escola continua a mesma, poucos são os que procuram mudar suas metodologias de trabalho e reconsiderar os conhecimentos gerais de sua sala de aula.

Emília Ferreiro no livro “Reflexões sobre alfabetização” afirma:

Os indicadores mais claros das explorações que as crianças realizam para compreender a natureza da escrita são suas produções espontâneas, entendendo como tal as que não são o resultado de uma cópia (imediate ou posterior). Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado. (2001, p.16).

A criança no processo de alfabetização/letramento tem sua maneira específica de conceber a leitura e a escrita, de acordo como ela interpreta a realidade. Segundo Emilia Ferreiro o educador tem a oportunidade de utilizar-se de meios comuns e simples a fim de alfabetizar como por exemplo: explorar a leitura e a escrita naturalmente deixando o discente expressar o que conhece a respeito desse sistema gráfico. O docente, por sua vez, deve entender que o aluno aprende mesmo sem receber orientações da escola e que essa habilidade precisa ser interpretada corretamente por quem faz a educação. Enxergar as possibilidades e alternativas de aprendizagem pode ser a melhor forma de iniciarmos o extenso processo de alfabetização.

Ser professor alfabetizador não significa ignorar a teoria, pelo contrário, ela precisa estar vinculada com a prática, com a experimentação, é o ato de entender todo embasamento teórico que a profissão de educador busca para a sala de aula. É constante que em sua formação o docente precise estudar, a fim de aprimorar seus conhecimentos sobre os métodos de alfabetização. O olhar crítico do formado e sua perspectiva sobre alfabetização, o levará a reconhecer as possíveis maneiras de ensinar, aprimorando assim sua prática pedagógica.

É com esse pensamento que idealizamos este artigo, com o intuito de auxiliarmos os alfabetizadores a aperfeiçoarem sua prática docente, e principalmente conhecermos nosso atual campo de trabalho, por isso, utilizamo-nos de autores que estudaram essa temática, a fim de avaliarmos as diversas concepções sobre alfabetização. Nesse período observamos a atuação dos professores de alfabetização na escola pública e, por conseguinte, nos foi oportunizado exercermos a prática, através das regências.

Verificamos que as crianças passam por um processo em direção à concepção da leitura e da escrita alfabética são essas etapas que Silva no livro “Construindo a leitura e a escrita: reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização” cita-os: nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico-alfabético e nível alfabético, todos eles apresentam como o educando passa por vários estágios até atingir o processo de alfabetização. É a partir desses conhecimentos que faremos nossos estudos e embasaremos nossa prática.

2. Um novo olhar diante da postura didática do professor em sala de aula

Observar é olhar atentamente para um fato ou uma realidade tanto naquilo que se mostra ou no que se oculta. A observação deve se pautar por uma perspectiva investigativa da realidade, ao mesmo tempo em que as observações servem para compreender as práticas do professor e as ações da escola, elas ajudam na formação do futuro professor e na compreensão dos fatos e sua prática docente, a partir de um olhar crítico e investigativo.

No primeiro contato com a escola pública, tivemos a oportunidade de nos relacionarmos com os profissionais, todos foram bastante receptivos e hospitaleiros, no convívio com os alunos e com a sala de aula verificamos como é o espaço escolar: é bastante ampla e com um vasto material pedagógico, o que favorece a realização das atividades.

Cada aluno tem a sua maneira de assistir as aulas, alguns despreocupados e desatentos com o assunto e outros demonstrando interesse em participar e assimilar os conteúdos explicados pela professora. A professora sempre realiza leituras, comentários e correções de atividades feitas pelos alunos, de início tivemos a impressão de a mesma possuir uma postura didática, com forte influência tradicional, pois as cadeiras são colocadas em fileira e realiza vários exercícios do livro na lousa. Ao retratar sobre a Escola Tradicional Aranha afirma:

Quanto à relação entre professor e aluno, a educação tradicional é magistrocêntrica, isto é centrada no professor e na transmissão dos conhecimentos. [...] Quanto a metodologia, valoriza-se a aula expositiva centrada no professor, com destaque para exercícios de fixação, como leituras repetidas e cópias. (2000, p.224).

Os métodos tradicionais estão totalmente desintegrados do meio social. Suas finalidades, regras e suas prioridades são diferentes das necessidades reais das crianças. A realidade muda constantemente e as aulas tradicionais param no tempo, por suas rotinas e seus repetitivos métodos de ensino.

A maioria dos alunos são atentos e bem participativos, a professora interage com a turma, sempre chamando a atenção quanto ao barulho e as brincadeiras na sala de aula no momento das explicações. No decorrer das observações já tivemos uma nova visão da postura didática da professora. Presenciamos uma professora comprometida com o ensino, sempre engajada em suas atividades e buscando melhorias na aprendizagem de seus alunos.

Podemos afirmar que a oportunidade que tivemos de observar as aulas da professora em sala de aula, foi de grande relevância para nossa formação profissional. A observação da postura didática da professora e das atitudes dos alunos; a relação professor e aluno; bem como as condições e recursos utilizados em sala de aula e a metodologia utilizada no processo de ensino-aprendizagem, significou uma experiência positiva para o nosso aprendizado e crescimento profissional. Assim, nós como profissionais da Educação, devemos utilizar práticas pedagógicas que favoreçam a aprendizagem dos alunos.

Acreditamos que é possível, sim, atingir a qualidade da educação no processo de alfabetização, com práticas educacionais que utilizem diferentes metodologias, que proporcionem tanto o desenvolvimento da alfabetização quanto o desenvolvimento do letramento de cada educando.

3. A ação do professor em sala de aula: a prática aliada à teoria

Durante nossas observações na escola pública tivemos a oportunidade de conhecermos a realidade atual da prática dos professores e sua metodologia em sala de aula como alfabetizam e letram as crianças. Fez-se real as palavras de Pimenta quando afirma que: “(...) estágio curricular entende-se as atividades que os alunos deverão realizar durante o seu curso de formação, junto ao campo futuro de trabalho - as séries iniciais do ensino de 1º grau”. (1997, p.21). Esse foi um dos pontos de partida para iniciarmos nossas regências e assim praticarmos da melhor maneira possível à teoria na qual temos estudado no curso de Pedagogia.

Ao exercermos as regências passamos para o outro lado, não estamos mais assistindo as aulas, tinha chegado à vez de praticarmos, de usarmos a teoria a favor da aprendizagem, de forma eficaz e adaptando-a a realidade do aluno. Ao ensinarmos vimos de frente o quanto é difícil aprender e o quanto é difícil alfabetizar, letrar uma pessoa. Sabemos que cada um de nós, quando estudamos, passamos por várias etapas no processo de alfabetização, mas esses níveis por vezes não foram alcançados, devido à falta de maturidade do educando e a metodologia do professor.

Em seu livro “Construindo a leitura e a escrita: reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização”, Silva diz: “A criança lê o mundo que a rodeia muito antes de um aprendizado sistemático da leitura e escrita”. (1991, p.21). E foi a partir desse pressuposto que

construímos nossas aulas; através do conhecimento de mundo que a criança constrói. Tentamos relacionar o escrito do vivido e os discentes foram bastante receptivos com a nossa maneira de ensinar. A cada aula, apresentamos os conteúdos programáticos do 1º ano do Ensino Fundamental na escola pública que estagiamos e seguíamos sempre a partir da realidade dos educandos.

Os discentes, por sua vez, se apropriaram dos conteúdos e foram recíprocos ao aprendizado. Então durante esses dias, diagnosticamos algumas dificuldades no processo de alfabetização; muitos deles ainda estão no período pré-silábico, enquanto deveriam estar no nível silábico-alfabético ou nível alfabético. A dificuldade em aprender a ler, escrever e compreender o que se está lendo, ou melhor, saber interpretar os textos, por mais curtos que os mesmos sejam é uma realidade muito real em nossas escolas. Eles simplesmente decodificam os símbolos alfabéticos de modo mecânico e obrigatório, fazendo da alfabetização uma mera reprodução das letras; isso na maioria das vezes está elencado a metodologia do educador.

As regências seguiram satisfatoriamente; porém de início tivemos que enfrentar diversos conflitos como, por exemplo; a metodologia da professora efetiva, que consistia em método tradicional de ensino, pois os alunos questionavam o fato de não estarem sempre escrevendo; a falta de socialização coerente dos conteúdos, por vezes, eles não conseguiam aliar os conteúdos ao seu cotidiano, o que implicava em um discurso maior para a aquisição das atividades e o fato que nem todos sabiam ler e escrever.

No decorrer das aulas os educandos começaram a aceitar nossa metodologia de ensino e isso favoreceu o aprendizado da turma. Eles passaram a entender que é necessário a reflexão sobre o assunto, que seu cotidiano pode estar relacionado a esses conteúdos e o quanto é importante à concentração para a aquisição da leitura e da escrita. A turma teve a oportunidade de interpretar os textos a partir de sua realidade e assim houve uma evolução do aprendizado. Tal comportamento foi avaliado de acordo com a participação e execução das atividades propostas nas regências.

Sendo assim, verificamos nas regências o quanto a prática deve está aliada a teoria, ambas andam juntas a fim de ampliarem o campo de ensino: O educador precisa estar ciente que sua metodologia pode e deve ser aperfeiçoada de acordo com a realidade do discente e o quanto esse (aluno) precisa refletir acerca de sua realidade, para assim aprimorar o aprendizado, tornando-o significativo e satisfatório: O intuito é que cada criança aprenda e possa ultrapassar as dificuldades de aprendizagem enquanto estão sendo alfabetizadas.

4. Considerações Finais

Diante de nossas observações e prática durante o estágio na escola pública, tivemos a oportunidade de lançarmos um olhar crítico sobre a maneira como os alfabetizadores executam suas atividades no cotidiano escolar e percebemos o quanto é necessário mudarmos nossas ações, no que diz respeito a alfabetizar e letrar uma criança. O docente deve conscientizar-se da importância da construção da leitura e da escrita, do saber interpretar, do conhecimento da realidade no qual seus alunos estão inseridos. Silva afirma que:

O trabalho do professor se realiza na prática e não na pesquisa; portanto, ele deve observar e atender a evolução da criança, e não detectar através de “testes”, qual o nível de conceitualização em que ela se encontra. É possível fazer isso naturalmente através das propostas de classe. Entretanto, é fundamental que ele saiba quais os objetivos que norteiam a elaboração das atividades propostas aos alunos”. (1991, p.74).

Sendo assim, o professor deve considerar vários aspectos no ensino da alfabetização e do letramento, além de avaliar o discente a cada fase de seu desenvolvimento, precisa também considerar que alfabetizar não é apenas ensinar a decodificar os símbolos gráficos do alfabeto; é crucial que aja relações entre o vivido e o ensinado. O aluno deve ser valorizado em todos os aspectos que o norteiam, como por exemplo: cultura, religião, classe social, e dentre outros. Segundo Moraes:

Seguindo a perspectiva piagetiana, as autoras da psicogênese da escrita assumiram que um novo conhecimento sobre o sistema alfabético não surge, simplesmente, do exterior, a partir de informações transmitidas pelo meio (a escola, a professora), mas é fruto da transformação que o próprio aprendiz realiza sobre seus conhecimentos prévios [...] (2012, p.53)

A partir dessa citação acima se observa que o estudante se apropriará dos conteúdos e irá reproduzi-los de forma a interpretá-los de acordo com seu cotidiano. É importante ressaltar que o docente deve estar disposto a adaptar-se a essa realidade, pois o fato de ensinar, a ler, a escrever e a interpretar os mais diversos textos não é um fato isolado de conhecimento restrito do educador, mas sim, um aprendizado mútuo. A criança necessita do professor, porém, o

mesmo precisa dispor-se a fim de obter uma metodologia eficaz, melhorando a cada etapa, sua forma de trabalho com o intuito de aperfeiçoarmos nosso método alfabetizador.

5. Referências Bibliográficas

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 3º edição revisada e ampliada. São Paulo. Moderna 2008.

BARREIRO, Iraide Marques de Freitas. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo. Avercamp, 2006.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales (et. al.), 24. Ed. Atualizada – São Paulo: Cortez, 2001.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender**. 8º edição revisada e atualizada. Porto Alegre. Mediação, 2009.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo. Editora Melhoramentos, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?**. 3º ed. São Paulo. Cortez, 1997.

SILVA, Maria Alice S. Souza e. **Construindo a leitura e a escrita: reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização**. 3º ed. São Paulo. Ática, 1991.